

Uma volta para as fundamentações filosóficas de uma teoria cognitiva da metáfora¹

A return to the philosophical foundations of a cognitive theory of metaphor

Ulrike Agathe Schröder*

RESUMO: O presente artigo busca localizar as origens da Teoria Cognitiva da Metáfora em abordagens filosóficas, com o intuito de ilustrar o panorama multifacetado de precursores da metáfora conceitual anterior à publicação de *Metaphors We Live By* (LAKOFF; JOHNSON, 1980/2003). A partir das nove hipóteses-chave que Jäkel (2003) estabelece para comprimir o núcleo da teoria de Lakoff e Johnson e seus sucessores, procurar-se-á investigar até que ponto filósofos de três séculos – em reflexões racionalistas, empiristas, idealistas, românticas e do campo da crise da linguagem – já antecipam pontos decisivos da Semântica Cognitiva.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Cognitiva da Metáfora. Filosofia. Ubiquidade. Focalização.

ABSTRACT: The article deals with the origins of Cognitive Metaphor Theory in the field of philosophy, revealing a multifarious panorama of predecessors of conceptual metaphor before the advent of *Metaphors We Live By* (LAKOFF; JOHNSON, 1980/2003). Starting from the nine hypotheses by Jäkel (2003) which seek to comprise the core of the theory according to Lakoff & Johnson as well as to their successors, our aim is to establish to what extent the key points of Cognitive semantics were already prefigured in the philosophies of three different centuries – in Rationalistic, Empiristic, Idealistic, Romantic reflections as well as those belonging to the Critique of Language.

KEYWORDS: Cognitive Metaphor Theory. Philosophy. Ubiquity. Highlighting and Hiding.

1. Introdução

Foi Aristóteles quem iniciou o uso metafórico da palavra *metaphora* ('transferência'). Com sua definição analógica da metáfora, Aristóteles lança os alicerces para um conceito que dominou o cenário filosófico por séculos. É contra essa tradição aristotélica que os fundadores da Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) ou Teoria Cognitiva da Metáfora, no sentido mais amplo, – (LAKOFF; JOHNSON, 1980) se contrapõem, imputando que, nesta visão tradicional, a metáfora é reduzida à sua função ornamental por ser compreendida como uma predicação, o que levaria a conclusões errôneas, apresentando uma visão distorcida do mundo. Por

¹ Eu agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq pela Bolsa de Produtividade (2015-2018), bem como a FAPEMIG pelo apoio que recebo pelo Programa Pesquisador Mineiro (2015-2017)

* Professora Associada na Faculdade de Letras (UFMG) e bolsista do CNPq.

consequente, a metáfora é avaliada negativamente. A este ímpeto, de fato dominante por alguns séculos, submete-se a filosofia da Antiguidade, que se baseia em premissas ontológicas, partindo da suposição da existência de uma realidade pré-linguística em que a língua é um reflexo do mundo. Todavia, já esta dicotomia entre a posição ‘impressionista’ e ‘cognitivista’ da metáfora representa uma visão parcial do pensamento aristotélico, uma vez que, já na *Retórica*, encontram-se indicações para uma dimensão cognitiva e cotidiana da metáfora. Destarte, Aristóteles considera uma metáfora como bem-sucedida quando ela consegue reconhecer o que há de familiar também em elementos distantes (R, III, 11, 5, 1995, p. 194-195), e consta de sua teoria que todo ser humano usa metáforas nas conversas cotidianas (R, III, 2, 6, 1995, p. 170). Sendo assim, como Debatin (1995, p. 14-15) ressalta, por um lado, Aristóteles está plenamente consciente da função epistemológica e cognitiva da metáfora. No entanto, por outro lado, tendo focalizado na função da metáfora no campo da estética e retórica, o que implica na sua desvalorização, ele contribuiu para o abandono da metáfora do discurso racional por muito tempo.

Ainda assim, uma discussão profunda com relação à função cognitiva da metáfora, bem como sua ancoragem na vida cotidiana, começa muito antes do surgimento da TMC. Já a partir do século XVII se observa uma mudança paradigmática com relação ao ‘lôcus da metáfora’ (VEREZA, 2010), momento que marca o nascimento de teorias cognitivas em abordagens filosóficas, fato ao qual os dois autores norte-americanos parecem prestar pouca atenção. Embora, na obra *Philosophy in the Flesh* (1999), Lakoff e Johnson tenham se dedicado a uma análise extensa das metáforas utilizadas na história da filosofia, os autores parecem não notar que alguns dos filósofos citados, como Aristóteles e Kant, são avaliados de forma superficial ou nem são percebidos como pensadores que, por sua vez, também já reconheceram a força cognitiva da metáfora e escreveram sobre ela. O objetivo do presente trabalho é lançar uma ponte entre as abordagens do campo filosófico desses séculos e a TMC. Mostrarei que a maioria das suas hipóteses podem ser vistas como reformulações de ideias já nascidas anteriormente. Adicionalmente, pretendo discutir também até que ponto essas abordagens podem contribuir para discussões atuais, uma vez que, frequentemente, elas apresentam uma ótica dupla e menos restrita quanto à dicotomia artificial entre as visões cognitiva e retórica da metáfora. Trata-se de um problema recentemente (re)tematizado em trabalhos que buscam focalizar a metáfora cognitiva na sua realização no uso da língua e superar as falhas da TMC da primeira geração (CAMERON, 2007; SCHRÖDER, 2012, 2014; GIBBS, 1999; TENDHAL; GIBBS, 2008;

MÜLLER, 2013). Nesse sentido, (re)lembrar os filósofos a serem apresentados a seguir não apenas abre as portas para um diálogo interdisciplinar, mas também permite uma fundamentação epistemológica para poder ir além da separação clássica entre semântica e pragmática.

A seguinte discussão dedica-se exclusivamente a tais antecipações filosóficas dos primeiros três séculos do desenvolvimento da teoria. Há outros precursores importantes no campo da psicologia, da linguística e da antropologia, entre outros (SCHRÖDER, 2012), que não podem ser abordados no presente artigo.²

Como fio condutor para elaborar uma discussão sobre as ligações entre a TMC e as teorias da filosofia até o começo do século XX, recorrer-se-á às nove hipóteses de Jäkel (2003, p. 40-41), que as formula para comprimir o núcleo da TMC (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999):

1. Ubiquidade: A metáfora não é uma exceção da criatividade poética ou da retórica;
2. Domínio: Metáforas não podem ser vistas isoladamente, mas sim como parte de conceitos, os quais interligam dois domínios (fonte e alvo) via mapeamento;
3. Modelo: Metáforas conceptuais formam modelos cognitivos com estruturas da organização do conhecimento. Elas radicam-se na experiência corporal (realismo corporificado);
4. Diacronia: Estudos sobre o desenvolvimento histórico de metáforas conceptuais revelam mudanças de pensamento ao longo do tempo;
5. Unidirecionalidade: A relação entre o domínio-fonte e o domínio-alvo não é reversível;
6. Invariância: Os esquemas que são transferidos a um novo domínio não são modificados;
7. Necessidade: A metáfora tem três funções básicas: explicação, compreensão e exploração do mundo social;
8. Criatividade: A metáfora dá abertura para inúmeros novos caminhos de pensamento;
9. Focalização: A descrição da metáfora é parcial. Ela destaca certos aspectos do domínio-alvo e esconde outros.

² Entre outros, no campo da psicologia: Stählin e Bühler; no campo da linguística: Paul, Wegener, Black e Weinrich; no campo da antropologia: Boas, Sapir e Whorf; no campo da semiótica: Lady, Welby e Richards; e no campo da filosofia do século XX: Blumenberg (cf. SCHRÖDER 2012).

2. Do empirismo ao iluminismo: o surgimento da força cognitiva da metáfora nas reflexões filosóficas durante os séculos XVII e XVIII

Como mostra Mouton (2010) na sua pesquisa sobre a relação entre metáfora, empirismo e a busca pela verdade na filosofia do século XVII, ao invés da avaliação de Johnson (1981, p. 11), que conclui que essas reflexões são exclusivamente voltadas para uma avaliação negativa da metáfora, o panorama se revela como algo bem mais complexo: Mouton afirma que, de fato, o questionamento da metáfora o qual há nestas obras se refere apenas à sua capacidade de refletir uma representação verdadeira da realidade, o que não impediria que os empiristas estivessem conscientes da sua atuação real. Por exemplo, Locke já está plenamente consciente de que a metáfora representa um veículo decisivo para nossa visão da realidade como testemunha em seu ensaio famoso *An Essay Concerning Humane Understanding* (1690/1961). Neste ensaio, se encontram exemplos do mapeamento de expressões da percepção para o domínio do pensamento, entre outras, *imagine, apprehend, comprehend, adjure, conceive, instil, disgust*. Locke conclui:

[...] como é grande a dependência que ideias sensatas comuns têm de nossas palavras; e como aquelas, das quais se faz uso para representar ações e conceitos integralmente, são removidas do senso, surgem de lá, e são transferidas de ideias óbvias e sensatas para significados mais abstrusos.³ (LOCKE, 1690/1961, II, p. 5)

De forma similar, também Chamizo Domingues e Nerlich (2010) lamentam a ausência da precisão na argumentação de Lakoff e Johnson, concluindo que a dicotomia nítida entre as duas linhas de pensamento, Empirismo e Racionalismo, não se mantém. Tanto no caso dos empiristas, como no caso dos racionalistas, já se vê um reconhecimento explícito acerca do entrelaçamento inevitável entre corpo e mente, por exemplo, na obra de Blaise Pascal (1660/1976), e da ubiquidade da metáfora, como foi destacado por Du Marsais (1730/1757). Como Schmitz (1985, p. 244-246) mostra, o ponto de partida de Du Marsais é a semântica das línguas cotidianas, às quais ele aplica a teoria retórica do *tropus*. Segundo Du Marsais, encontram-se mais metáforas no mercado do que na academia, e é por isso que o autor apela a um entendimento das palavras metafóricas no seu *sens figuré* (sentido figurativo) ao invés do

³ “how great a Dependence our Words have on common sensible *Ideas*; and how those, which are made use of to stand for Actions and Notions quite removed from sense, *have their rise from thence, and from obvious sensible Ideas are transferred to more abstruse Significations.*”

seu *sens propre* (sentido literal). Os objetos percebidos se constituem pelas impressões que os acompanham, de modo que tendemos a nomeá-los através dessas impressões que formam ideias subordinadas, mais presentes em nossa imaginação do que a ideia principal. Nesse sentido, Du Marsais estende a noção da metáfora, atribuindo seis funções básicas a ela: (1) apresentar uma ideia principal a partir de uma ideia subordinada; (2) dar força às nossas expressões; (3) ornamentar a fala; (4) tornar a fala mais elegante; (5) disfarçar ideias desagradáveis ou tristes e, finalmente, (6) enriquecer a fala pelo uso múltiplo da mesma palavra (DU MARSAIS, 1730/1757, I,7 apud SCHMITZ, 1985, p. 245). Enquanto o último ponto indica o interesse de Du Marsais pelas transposições do significado no decorrer do tempo como se encontra nas hipóteses (4) e (8) de Jäkel, o primeiro e quinto ponto fazem lembrar do princípio de destacar (*highlighting*) e esconder (*hiding*), conforme Lakoff e Johnson (veja hipótese 9 de Jäkel).

Contudo, apesar desse reconhecimento, o objetivo da maioria dos filósofos da época era a busca por uma linguagem ideal, na qual a influência corporal não tinha espaço, uma aspiração em sintonia com a Escola de Port Royal como centro das ideias jansenistas.⁴ Ou seja, naquela época, o que estava no centro do discurso filosófico era a questão da verdade, por um lado, com respeito à sua ocultação, por outro lado, com respeito à possibilidade de ser trazida à luz por meio da língua.

Convém salientar que as duas escolas filosóficas, o racionalismo e o empirismo, invocam a mesma fonte, a saber, o filósofo e teólogo Johann Clauberg. Clauberg busca fundamentar uma metafísica objetivista com base em Descartes, e é essa discussão que, por sua vez, serve como base para as reflexões sobre a metáfora de Locke. Mais tarde, a mesma discussão influencia também a teoria de Vico. Portanto, parece plausível localizar o abandono da visão impressionista da metáfora em duas obras de Clauberg: *Logica vetus et nova* (1658/1685) e *Ars etymologica teutonum e philosophiae fontibus derivata* (1663/1717), como sugere Schmitz (1985).⁵ Trata-se de duas reflexões que partem do interesse luterano-linguístico em estudos etimológicos, tocando em questões da polissemia e sua origem em extensões metafóricas. Schmitz (1985, p. 247) aponta que Clauberg vê uma correspondência ontogenética

⁴ O mosteiro *Port Royal des Champs*, no sudoeste de Versalhes, tornou-se no século XII bastião das ideias jansenistas sob a égide da abadessa Angélique Arnauld, por sua vez influenciada pela doutrina do Santo Agostinho. Adeptos desse movimento, entre outros, eram Blaise Pascal e Jean Racine. O Jansenismo como corrente filosófico-religiosa baseia-se em matizes dualistas ao procurar a conciliação entre a liberdade humana e a graça emanada por Deus.

⁵ Schmitz (1985, p. 243) frisa que, já na Idade Média, há três autores que apontam a onipresença da metáfora na fala cotidiana: Augustinho, Beda e Boncampagno.

no processo da transposição de palavras para objetos perceptíveis sensorialmente e para domínios pertencentes ao intelecto, uma vez que *intellegere* (compreender) procede de *percipere* (perceber) (CLAUBERG, 1663/1717, p. 195). Esta afirmação é também fundamental para o realismo corporificado de Lakoff e Johnson, forma o núcleo da pesquisa de Sweetser (1990) e ganha evidência empírica em abordagens recentes ligadas à noção de *conflation*, como apresentado por Johnson (1999; GRADY; JOHNSON, 2002).⁶ Observa-se, então, uma antecipação explícita das ideias da ubiquidade e da unidirecionalidade e, de forma implícita, das hipóteses da diacronia e da criatividade.

Não obstante, é apenas com Leibniz (1764/1961) que a metáfora começa a ser vista como fenômeno positivo. Ele concebe a estruturação do conteúdo da consciência pela língua como o único caminho para formar o pensamento, amorfo em si. Adicionalmente, Leibniz não para na análise diacrônica, mas focaliza também o nível sincrônico (SCHMITZ, 1985, p. 250). Na sua resposta ao ensaio de Locke, nos *Nouveaux essais sur l'entendement humain* (LEIBNIZ, 1764/1961), ele analisa o mapeamento metafórico nas preposições a partir de uma perspectiva que focaliza as mudanças do significado. Originalmente usadas para se referir à distância, ao movimento ou ao local, as preposições são mapeadas a todos os tipos de mudança, ordem, sequência, divergência e coincidência, incluindo relações causais, temporais e modais. Com isso, ele antecipa boa parte dos estudos sobre preposições no campo da Semântica Cognitiva, especialmente as redes polissêmicas (LAKOFF, 1987), o que inclui uma perspectiva cognitiva, como se exprime nas hipóteses (1), (4), (7) e (8).

Ora, enquanto Leibniz ainda assume uma posição na transição do racionalismo ao romantismo, Giambattista Vico (1744/1928) realiza uma reinterpretação da metaforicidade principal da língua e constitui sua teoria mítico-romântica da metáfora (ROLF, 2005, p. 263). A novidade está na avaliação positiva da metáfora, que, segundo Vico, assume uma força constitutiva para a criação do mundo por ter uma capacidade expressiva muito mais fiel do que

⁶ A partir de uma perspectiva desenvolvimentista, com este conceito, Johnson refere-se a uma primeira fase da aquisição do pensamento metafórico, em que a criança estabelece relações entre domínios coativos, experimentando os dois campos como se um pertencesse ao outro e vice-versa. Quando a mãe responde ao pedido não-verbal da filha, que aponta para um brinquedo: “Ah, estou vendo o que você quer”, esta frase pode ser interpretada literalmente – a mãe vê o objeto desejado em si – ou metaforicamente, como enunciação sobre o próprio estado da consciência: ela entendeu o que a filha quer. Os domínios VER e ENTENDER são ativados simultaneamente, nos quais a cena primária compreende duas subcenas: por um lado, o ato físico da percepção, por outro lado, a mudança da consciência. Esta experiência marca o passo decisivo para a segunda fase da aprendizagem, em que o uso original da palavra se desacopla do seu emprego original, obtendo, agora, um sentido meramente metafórico.

a língua abstrata, o que coincide com a hipótese (5), segundo Jäkel. Por um lado, ela serve como base para o desenvolvimento da língua, e, por outro lado, ela concomitantemente é vista como ferramenta criativo-cognitiva. Na sua *Scienza Nuova*, Vico (1744/1928) estabelece um modelo de três fases da história humana e do desenvolvimento da língua: o primeiro período divino caracteriza-se por uma linguagem imediato-gestual e por ações ritualizadas. No segundo período, surge a linguagem verbal, embora ela ainda não tenha nenhuma estrutura lógica, sendo processada de forma meramente metafórica: “a linguagem era épica e sensorial, baseada no uso de metáforas, imagens, símiles e descrições naturais” (MOURA; MARQUES, 2011, 6). Por isso, ela assume uma função simbólica, desdobrando-se na fala poética. Finalmente, no terceiro período, na época das sociedades complexas, a língua se torna lógica e pragmática e, com isso, o elemento prosaico entra na fala. Esta priorização da língua poética em relação à língua prosaica tem seu eco na Alemanha junto ao surgimento do romantismo (HAMANN, 1762/1993; HERDER, 1772/2002; BIESE, 1893; GERBER, 1871, 1884).

Convém lembrar que, para uma grande maioria (DEBATIN, 1995, p. 32; BIESE, 1893; MAUTHNER, 1912/1982, p. 483), é justamente Vico (1744/1928) e não o pouco conhecido Clauberg que introduziu esta mudança paradigmática nos estudos sobre a metáfora. Pois, apesar da sua ancoragem em pensamentos míticos, barrocos, greco-romanos e poéticos, é com ele que começa uma nova era voltada para perguntas pela origem da linguagem, acentuando o potencial inovativo, cognitivo e construtivo da metáfora. A despeito da redução racionalista do homem ao *cogito* (penso), Vico descreve o indivíduo como unidade de mente e corpo. Por conseguinte, para Vico, a metáfora assume “uma função transcendental-hermenêutica da dedução criativa do mundo e também uma função cognitivo-imaginativa do reconhecimento do mundo” (DEBATIN, 1995, p. 37).⁷ Em oposição a Rousseau, que retoma esta ideia nos seus *Essais sur l'origine des langues* (1781/1995) e também desenvolve uma visão metafórica com relação à origem da língua, é Vico que consegue combinar seu historicismo com a hipótese de um dicionário mental universal, como mostram Moura e Marques (2011).

Vico deriva a raiz corporal da metáfora de uma perspectiva evolutiva e realça como princípio central da metáfora a antropomorfização, na qual o corpo serve como base para os

⁷ “eine transzendental-hermeneutische Funktion der schöpferischen Welterschließung wie auch eine kognitiv-imaginative Funktion der Welterkenntnis zu.” Em termos filosóficos, essa função ‘transcendental-hermenêutica’ deve ser entendida da seguinte forma: ‘transcendental’ significa ‘ultrapassar’ ou ‘ir além’ da experiência e se refere, no sentido de Kant, à razão pura, às condições de reconhecimento a priori da cognição humana; a ‘hermenêutica’, por sua vez, está relacionada à arte da interpretação e compreensão simbólica de um texto.

mapeamentos do nosso mundo de objetos, de modo que falamos de *cabeça* quando nos referimos a um pico, de *testa e ombros* que correspondem à ideia do ‘em frente’ e ‘por trás’, de *boca* quando nos referimos a aberturas, e de *dentes* quando falamos de uma serra. Como Moura e Marques (2011) ressaltam, em defender a primazia da metáfora no uso da linguagem, sua base sensorial e sua importância na representação de conceitos e na criação de palavras, revelam-se muitas paralelas entre a TMC e a perspectiva historicista de Vico. Zir (2009) até considera mais forte a visão positiva da metáfora na teoria de Vico, por esta ir além dos postulados formulados por Lakoff e Johnson. Na visão de Vico, os poetas assumem a responsabilidade primária da formação do intelecto por sua atividade gestáltica, na qual as ideias são geradas a partir de experiências corpóreas. Tais *Gestalten* são descritas em termos metafóricos, nascem “de um atrito entre o externo e o interno, e de uma reelaboração seletiva de dados sensíveis pelo intelecto” (ZIR, 2009, p. 122). Em oposição a Lakoff e Johnson, que veem os esquemas imagéticos como emergindo diretamente da nossa experiência corpórea, para Vico, o homem nem conhece sua própria natureza, pois tudo para ele é dado a posteriori.

Já estabelecendo questões semióticas no século dezoito, para o filósofo Johann Heinrich Lambert, cujo interesse em problemas epistemológicos o torna um precursor significativo da teoria crítica do reconhecimento de Kant, a metáfora representa o *tropus* mais importante. Ele dirige sua atenção à função dupla, isto é, a metáfora, para ele, é ferramenta de reconhecimento e de comunicação ao mesmo tempo, pois é só através dela que a impressão que os objetos deixam no homem se torna apreensível: o abstrato torna-se formulável e, ao mesmo tempo, comunicável (LAMBERT, 1764b/1965:85). O ponto de partida para sua semiótica é a diferenciação entre o necessário (*dem Notwendigen*), o arbitrário (*dem Willkürlichen*) e o hipotético (*dem Hypothesischen*) da língua. Ungeheuer (1979, p. 97) concebe esta terminologia particular como introdução implícita das perspectivas comunicativa e extra comunicativa acerca do fenômeno da língua,⁸ uma vez que Lambert se refere, com o termo ‘o necessário’, à relação representacional entre signo e conceito, com o termo ‘o arbitrário’, aos significados dos

⁸ Ungeheuer (1972/2004) introduz a distinção entre perspectiva comunicativa e extra comunicativa, por um lado, com base na filosofia fenomenológica, recorrendo à distinção de ‘*Zuhandenem*’ (estar à disposição) e ‘*Vorhandenem*’ (ser existente) de Heidegger (1927/1957), e à diferença entre ‘*fungierend*’ (funcionando) e ‘*thematizierend*’ (tematizando) de Husserl (1901/1921:261-265). Por outro lado, Ungeheuer segue a abordagem linguística de Karl Bühler (1934/1982:48-69), que separa entre teorias sobre língua como ato e como formação, fundamento para uma perspectiva funcionalista do falar, ligada ao sujeito, e uma perspectiva do objeto, desligada do sujeito (Bühler 1932:100). Bühler, por sua vez, estabelece sua abordagem recorrendo aos conceitos ‘*Ergon*’ e ‘*Energie*’ de Humboldt, e ‘*Langue*’ e ‘*Parole*’ de Saussure, embora sua dicotomia não coincida com estas duas diferenciações; cf. a história do problema Kolb (2010).

signos em si, ou seja, ao significado convencional, e com o termo ‘o hipotético’, à prática comunicativa, ao processo em si, que é guiado pelas hipóteses sobre os significados e o sentido da fala como foram estabelecidos pelos respectivos interlocutores. Nessa divisão entre as duas perspectivas e, concomitantemente, na localização da metáfora na esfera simbólica e prática, percebe-se uma relevância alta para discussões atuais como foram iniciadas por Tendhal e Gibbs (2008), Cameron (2007) ou Schröder (2012; 2014), a saber, a superação da separação entre metáfora na cognição e na retórica, entre semântica e pragmática, entre sistema e uso. Estas tendências refletem-se, entre outros, em publicações recentes promovendo o conceito de uma ‘pragmática cognitiva’ (SCHMID, 2012).

Lambert (1764a/1965, p. 483) vê a motivação para a comparação que a metáfora realiza na “semelhança da impressão que as sensações dos objetos externos e a imaginação dos objetos abstratos e invisíveis provocam em nós”.⁹ A ubiquidade da metáfora indica sua função indispensável de procedimento linguístico da comunicação (UNGEHEUER, 1980, p. 92). Assim que uma expressão metafórica é aceita pelos interlocutores, inicia-se o processo da habituação (HÜLZER-VOGT, 1987, p. 26). Com isso, para Lambert, pode-se observar que as diferentes instâncias do nível linguístico estão ligadas a um princípio cognitivo que está por trás das palavras:

Muito pelo contrário, já foi introduzido há muito tempo que nós comparamos o visível com o invisível, o mundo corporal com o mundo intelectual, as emoções com os pensamentos, usando para ambos as mesmas palavras e expressões. Com isso, as palavras necessariamente recebem um significado duplo e até, às vezes, múltiplo. Ter uma luz no quarto, e ter luz nos pensamentos representam tais formas da fala.¹⁰ (LAMBERT, 1764a/1965, p. 483)

Tal antecipação da metáfora conceptual UNDERSTANDING IS SEEING e dos esquemas imagéticos CONTÊINER, CAMINHO e FORÇA (LAKOFF & JOHNSON, 1980; 1999), que Lambert tematiza logo após esta citação, aponta a suposição implícita da hipótese do domínio, ainda mais se considerarmos que ele recorre ao princípio semântico da polissemia das palavras, cuja

⁹ “Aehnlichkeit des Eindruckes, den die Empfindungen äußerlicher Dinge und die Vorstellung abstracter und unsichtbarer Dinge in uns machen.”

¹⁰ “Hingegen ist es schon längst eingeführt, daß wir das sichtbare mit dem unsichtbaren, die Körperwelt mit der Intellectualwelt, die Empfindungen mit den Gedanken vergleichen, und vor beyde einerley Wörter und Ausdrücke gebrauchen. Die Worte erhalten dadurch nothwendig eine doppelte und zuweilen auch vielfache Bedeutung. Ein Licht im Zimmer haben, und Licht in den Gedanken haben, sind solche Redensarten.”

base, segundo ele, é formada por uma noção mais ‘geral’ ou mais ‘transcendental’ da metáfora. Neste contexto, sua compreensão do *tertium comparationis* é elucidativa por mostrar analogias à Hipótese da Invariância de Lakoff (1990), que corresponde à sexta hipótese de Jäkel: trata-se do esquema básico, do conteúdo invariável da palavra, que continua constante em todas as ocasiões distintas em que a palavra é usada.

Em sintonia com a noção de *conflation* de Johnson (1999), já introduzida acima, como Clauberg, também Lambert (1764a/1965, p. 483), embora sem as evidências empíricas e experimentais às quais se tem acesso nos dias atuais, já especula que o mapeamento da metáfora tenha sua origem na simultaneidade das “execuções do corpo”¹¹ e das da “razão”¹², de modo que o conhecimento concreto é aplicado ao entendimento dos processos cognitivos. Sendo assim, concebemos nossa memória como contêiner, uma vez que guardamos objetos reais também em caixinhas. A ligação entre caixinha e memória resulta da “força da imaginação”¹³ (LAMBERT, 1764b/1965, p. 144).

Por fim, as hipóteses da unidirecionalidade, da diacronia e da criatividade revelam-se, na diferenciação que Lambert faz entre três graus da formação do significado, como um construto teórico que Ungeheuer (1980) chama “tectônica semântica do vocabulário”.¹⁴ Segundo tal tectônica, observa-se um desenvolvimento histórico da língua de um nível mais básico a um nível mais abstrato: (a) no primeiro nível, encontram-se palavras de raiz, como classe de objetos sensorialmente perceptíveis; (b) o segundo nível implica o uso metafórico de palavras da primeira classe e (c) o terceiro nível compreende as metáforas do metanível, que pressupõem metáforas do segundo grau. Neste interesse pelas mudanças e transformação do significado, já é vislumbrado o princípio da polissemia e das redes radiais (*radial networks*) como é formulado pela TMC (LAKOFF, 1987). Por consequência, para Lambert, o motivo principal para o crescimento contínuo da língua não é o aumento do número de palavras, mas a extensão do significado original. Contudo, concomitantemente, aumenta o perigo de mal-entendidos comunicativos (HÜLZER-VOGT, 1987, p. 46), e brigas sobre palavras tornam-se mais prováveis no decorrer da primeira à terceira classe de palavras (UNGEHEUER, 1980, p. 92).

¹¹ “Verrichtungen des Leibes”

¹² “Verstandes”

¹³ “Einbildungskraft”

¹⁴ “semantische Tektonik des Wortschatzes”

Com isso, Lambert toca em aspectos importantes acerca da hipótese da focalização, que o trazem para o campo da comunicação – uma relação curiosamente pouco explorada pela própria TMC. Ele coloca em pauta a questão dos problemas comunicativos que surgem pelas extensões metafóricas do significado, uma vez que o falante destaca um aspecto específico do significado em um certo momento da interação, mas outro no próximo momento. Ademais, ele aponta a possibilidade de cada indivíduo aplicar a comparabilidade proclamada a aspectos diferentes, isto é, realizando uma seleção diferente daquela concebida pelo interlocutor. Conforme Lambert, “cada um pode tomar um caminho totalmente individual do pensamento para chegar a novas metáforas”¹⁵ (LAMBERT, 1764b/1965, p. 183).

3. Do idealismo ao romantismo: o reconhecimento da força constitutiva da metáfora nos séculos XIII e XIX

Com certeza, os séculos mais decisivos para um aprofundamento sólido dos alicerces de uma abordagem cognitiva da metáfora foi a época do idealismo e do romantismo. Chamizo Dominguez e Nerlich (2010, p. 69) destacam a clareza com a qual os racionalistas e românticos do século XVIII e XIX já perceberam a ancoragem cognitiva da metáfora. Por isso, os autores rotulam a semântica cognitiva de Lakoff e Johnson como ‘neo-romantismo’, concluindo:

É uma vergonha que os defensores dessa visão da metáfora como um valor cognitivo e linguístico, nesse meio tempo, tenham perdido todo o conhecimento dos seus antecessores do século dezanove. Como aqueles, estes acreditam que a distinção radical entre o literal e o metafórico na gramática e na semântica tem que ser substituída pela visão de que língua (e o pensamento) são plenamente metafóricos.¹⁶ (CHAMIZO DOMINGUEZ; NERLICH, 2010, 69-70)

Como Jäkel (2003, p. 116-119) mostra, nas suas obras *Kritik der reinen Vernunft* (1781/1986)¹⁷ e *Kritik der Urteilskraft* (1790/1990)¹⁸, Immanuel Kant descreve a metáfora como ferramenta do reconhecimento com base na inter-relação entre pensamento conceitual

¹⁵ “jeder sich durch ganz individuelle Reihen von Gedanken, den Weg zu neuen Metaphern bahnen kann.”

¹⁶ “It is a shame that the proponents of this view of metaphor as a cognitive and linguistic virtue had in the meantime lost all knowledge of their 19th-century ancestors. Like them they believe that the radical distinction between the literal and metaphoric in grammar and semantics has to be replaced by the view that language (and thought) are metaphorical through and through.”

¹⁷ Crítica da Razão Pura

¹⁸ Crítica da Força de Juízo

(*begriffliches Denken*) e intuição sensorial (*sinnliche Anschauung*). Ele parte da suposição de que são esquemas e não imagens dos objetos que formam o fundamento para nossos conceitos meramente sensoriais. Como conceitos da razão não têm correspondências na intuição sensorial, eles passam por um processo de sensorização indireta, realizada pela força cognitiva da metáfora, embora Kant não use o termo *metáfora*, mas *símbolo e analogia*:

Desta forma, um estado monárquico é imaginado simbolicamente ou como corpo com alma, quando se refere a suas leis populares, ou como máquina pura (por exemplo, como moinho manual), quando se refere a um único querer que o domina. Pois entre o estado despótico e um moinho não existe uma semelhança, mas sim entre a regra que se reflete sobre a causalidade de ambos. Até agora não existe nenhuma análise sobre isso, embora mereça uma pesquisa mais profunda; mas aqui não é o lugar para se tratar disso. Nossa língua está cheia dessas apresentações indiretas segundo uma analogia, com que a expressão [...] apenas inclui um símbolo para a reflexão. Deste modo, as palavras [...] são hipotiposes e expressões simbólicas para conceitos, não por meio de uma intuição direta, mas sim, por meio de uma analogia com a mesma, quer dizer, por meio da transferência da reflexão sobre um objeto da intuição para um conceito completamente diferente, ao qual, talvez, nunca possa corresponder uma intuição diretamente.¹⁹ (KANT, 1990, §59)

Já esta citação curta revela uma antecipação comprimida de algumas hipóteses-chave da TMC: a metáfora não é descrita como figura poética, mas como meio da fundamentação epistemológica na qual ela toma um caminho unidirecional, assim, conceitos sem correspondência na intuição sensorial são deduzidos por meio de transferência analógica. Porém, não se trata de semelhanças dadas, mas de uma construção de semelhanças de modo que a metáfora assume o papel de uma ferramenta da categorização e recategorização.

Kant apresenta uma abundância de exemplos, entre outros, a conceitualização de relações jurídicas da sociedade como atração e repulsa mecânicas corporais (1790/1990, §90),

¹⁹ “So wird ein monarchischer Staat durch einen beseelten Körper, wenn er nach inneren Volksgesetzen, durch eine bloße Maschine aber (wie etwa eine Handmühle), wenn er durch einen einzelnen absoluten Willen beherrscht wird, in beiden Fällen aber nur symbolisch vorgestellt. Denn zwischen einem despotischen Staate und einer Handmühle ist zwar keine Ähnlichkeit, wohl aber zwischen der Regel, über beide und ihre Kausalität zu reflektieren. Dies Geschäft ist bis jetzt noch wenig auseinandergesetzt worden, so sehr es auch eine tiefere Untersuchung verdient; allein hier ist nicht der Ort, sich dabei aufzuhalten. Unsere Sprache ist voll von dergleichen indirekten Darstellungen nach einer Analogie, wodurch der Ausdruck [...] bloß ein Symbol für die Reflexion enthält. So sind die Wörter [...] symbolische Hypotyposen und Ausdrücke für Begriffe nicht vermittelt einer direkten Anschauung, sondern nur nach einer Analogie mit derselben, d.i. der Übertragung der Reflexion über einen Gegenstand der Anschauung auf einen ganz anderen Begriff, dem vielleicht nie eine Anschauung direkt korrespondieren kann.”

tempo como direção (KANT, 1781/1986, B 50) ou a criação divina como obra de arte (1781/1986, p. B655; 1790/1990, §90). Mais tarde, o neokantiano Ernst Cassirer ainda estende a filosofia transcendental acerca do processo analógico na experiência científica a outras esferas de sentido, na sua obra *Philosophie der symbolischen Formen (Filosofia das Formas Simbólicas)*, 1923/1973).

Enquanto, na primeira metade do século XIX, raramente se encontram abordagens mais profundas sobre a ancoragem cognitiva da metáfora, na segunda metade, especialmente na Alemanha, floresce uma série de obras tratando do fenômeno da ubiquidade da metáfora, não poucas vezes partindo do espírito de Kant. Além dessa influência, este interesse crescente pode ser visto como resultado de uma densificação de dois outros desenvolvimentos principais: por um lado, um papel essencial é assumido pelas ideias epistemológicas de Locke, Leibniz e Condillac no anúncio do romantismo alemão e, por outro lado, observa-se uma orientação em direção a análises da língua no seu contexto histórico e antropológico, temas centrais nas obras de Hamann, Herder e Humboldt.

Gustav Gerber (1884; 1871) e Alfred Biese (1893) representam dois neorromânticos e, concomitantemente, neokantianos, que não apenas dão um impulso decisivo à abordagem cognitiva da metáfora, mas, de maneira semelhante a Lambert, já vão além do mero aspecto cognitivo por integrarem perspectivas comunicativas também. O interesse de Gerber (1884; 1871) na metáfora nasce em discussão crítica com Kant como síntese de perspectivas filosóficas, estéticas e filológicas, tematizando a língua como meio de comunicação, meio estético e meio epistemológico: sob um ângulo romântico-idealista, a técnica da representação linguística, para Gerber, é uma criação artística do sujeito. Por conseguinte, ele entende a retórica somente como a parte consciente da arte linguística, ao passo que a gramática representa a parte inconsciente. A teoria sobre a origem da linguagem e a epistemologia mesclam-se em uma teoria de imagens, fundamentando o caráter ubiqüitário do *tropus* (KNOBLOCH, 1988, p. 120-123). Como na teoria de Lakoff & Johnson, Gerber também realça que não são características semânticas que são mapeadas na projeção metafórica, mas ‘proporções’ (*Proportionen*), a saber, a estrutura topológica do domínio fonte (GERBER, 1871, p. 355).

Como a linguagem é metafórica em si, ela representa uma arte na qual o léxico e a gramática dispõem dos meios de representação para a criação dessa arte verbal. Recorrendo à distinção entre *ergon* (língua como sistema) e *energeia* (língua como ato), segundo Humboldt,

através da expressão ‘técnica da língua’ (*Sprachtechnik*), Gerber se refere à função meramente representacional em oposição ao ato criativo, que se exprime pela ‘arte da linguagem’ (*Sprachkunst*). Sendo assim, a dinâmica da metáfora reside na combinação do momento atual, representado pela imagem do som, com a duração, representada pela raiz da palavra com o seu significado entrincheirado. Não obstante, a visão de Gerber também implica uma instância epistemologicamente crítica, uma vez que essa plasticidade da língua resulta no fenômeno da focalização de uns aspectos junto ao desligamento de outros aspectos do domínio alvo, o que corresponde à nona hipótese de Jäkel, ao fenômeno do *highlighting and hiding* na nomenclatura de Lakoff e Johnson (1980/2003). Sendo assim, entendimento e reconhecimento dependem das figuras criadas, nas quais as palavras selecionam de forma aspectiva o que focalizar:

Como a imagem do pintor parece nos trazer a visão total do objeto sem, de fato, oferecer mais do que apenas um lado dele, a representação da raiz, da primeira obra artística da língua, simula uma representação total, mas apenas a agarra e a representa a partir de uma única das suas características.²⁰ (GERBER, 1871, p. 313)

Por consequência, Gerber (1871, p. 333) nega a dicotomia entre significado metafórico e literal, estabelecendo o conceito do campo do significado para defini-lo como resultado do entendimento da palavra, não somente no seu contexto, mas também com relação às condições nas quais os falantes se encontram e ao contexto comunicativo, tendo a palavra como unidade de significado e de relação. Com isso, Gerber antecipa também aspectos da teoria do uso da linguagem segundo Wittgenstein, com seu postulado do significado como convenção do uso (GERBER, 1871, p. 336). É só a partir de relações habituais construídas pelo homem na sua prática social que as expressões passam da plasticidade à literalidade na percepção dos falantes (GERBER, 1884, p. 104; GERBER, 1871, p. 299-300; NERLICH; CLARKE, 2001, p. 44-45). Focalizando o momento do uso, Gerber já fala da ‘mescla’, uma vez que o significado nunca é determinado, mas se realiza no momento do seu uso. Além de uma antecipação das ideias-chave da TMC, por causa dessa integração do processo, Gerber também pode ser visto como um precursor das abordagens interacionistas da metáfora²¹ por ver os atos do pensar e falar como

²⁰ “Wie das Bild des Malers uns die Vollansicht des Gegenstandes zu bringen scheint, ohne doch mehr als eine Seite desselben zu bieten, so meint die Darstellung der Wurzel, des ersten Kunstwerks der Sprache, eine Totalvorstellung, aber sie ergreift und stellt sie dar nur an einem ihrer Merkmale.”

²¹ A essas abordagens pertencem, cronologicamente, as teorias de Stählin, Bühler, Richards, Black, Fauconnier e Turner (cf. SCHRÖDER 2010). O fenômeno da mesclagem é descrito da seguinte maneira: “Ela [a mesclagem] consiste em integrar estruturas parciais de dois domínios separados em uma única estrutura com propriedades

inseparavelmente entrelaçados, aspecto que recentemente é retomado por algumas abordagens no campo da metáfora no discurso, como evidencia a localização da metáfora no *talking-and-thinking* da teoria de Cameron (2007).

Seguindo a ideia da ‘mescla das esferas’, conforme Gerber e Friedrich Theodor Vischer (1857), o filósofo e filólogo Alfred Biese (1893), no seu tratado *Die Philosophie des Metaphorischen (A Filosofia do Metafórico)*, define a metáfora como uma forma da intuição da cognição humana (Biese 1893:VI, 10). Em sintonia com a rejeição da linha divisória entre significado literal e figurativo, ele explica o modo da metáfora como ato cognitivo, recorrendo à noção do esquema de Kant:

Não conseguimos negar que o metafórico, aquela transposição recíproca do interior e exterior, tem que ser visto como uma forma primária da intuição, cuja expressão linguística é a metáfora, e da qual todo nosso pensamento e composição recebe sua colorização característica.²² (BIESE, 1893, p. 15)

Como indica o termo ‘transposição recíproca’, Biese, em oposição a Lakoff e Johnson, substitui o caminho unidirecional do corpo para a alma pela ideia de uma reciprocidade psicofísica, um princípio bidirecional que vale ao mesmo tempo para o falar e o pensar: “De cima a baixo, a língua é metafórica: ela encarna o psíquico e espiritualiza o corporal”²³ (BIESE, 1893, p. 22). Biese já interpreta o ato da percepção como assimilação das impressões oferecidas pelo objeto e dos esquemas interiores do homem, motivo pelo qual tendemos a personificar aquilo que não entendemos, falando, portanto, de *braços do rio (Flussarme)*, *boca de fontes (Quellmündungen)*, *seio de mar (Meeresbusen)*, *costas da montanha (Bergrücken)* ou *pernas da mesa (Tischbeine)* (BIESE, 1893, p. 28). Às avessas, também estruturamos nosso interior e seus procedimentos por meio de um agente, como se mostra na abundância dos verbos que empregamos para falar sobre nossas ideias: *perceber, objetivar, imaginar, julgar, cogitar, conceber, ver*, etc. (BIESE, 1893, p. 24).

Sendo assim, Gerber e Biese já ilustram e não apenas antecipam as hipóteses da ubiquidade, do domínio, da diacronia, da necessidade, da criatividade e da focalização. Eles

emergentes dentro de um terceiro domínio” (“it [blending] consists in integrating partial structures from two separate domains into a single structure with emergent properties within a third domain”) (Fauconnier 1999:22).

²² “Wir kommen nimmermehr darum herum, das Metaphorische, diese wechselseitige Übertragung des Inneren und Äußeren, eine primäre Anschauungsform zu nennen, deren notwendiger sprachlicher Ausdruck die Metapher ist und aus der all unser Denken und Dichten seine charakteristische Färbung gewinnt.”

²³ “Die Sprache ist durch und durch metaphorisch: sie verkörpert das Seelische, und sie vergeistigt das Körperliche.”

também preparam o caminho para a abordagem da metáfora como mesclagem *on-line* (FAUCONNIER; TURNER, 2002), direcionando sua atenção ao entrelaçamento entre língua e cognição no seu uso criativo e indicando, com isso, pontos de partida para futuras pesquisas no campo de uma pragmática cognitiva.

4. A crise da linguagem: a desvalorização da metáfora cognitiva como ferramenta epistemológica na virada do século XX

Nietzsche, que está familiarizado com as ideias de Gerber (UNGEHEUER, 1983, p. 186), dá uma virada cética à crítica epistemológica de Kant, o que especialmente se reflete no seu ensaio *Über Wahrheit und Lüge im außermoralischen Sinne* (*Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*, 1873/1999). Em oposição ao conceito lógico da linguagem, Nietzsche radicaliza a posição nominalista,²⁴ tornando a perspectiva hermenêutico-poética da ubiquidade da metáfora, como vimos na abordagem de Vico, em uma crítica nítida do valor epistemológico da língua. São dois problemas centrais que recorrentemente estão no foco em quase todos os seus tratados e aforismos: (a) a questão da possibilidade da comunicação verbal com outras pessoas e (b) o potencial real da língua na busca pela verdade. As duas perguntas são respondidas negativamente. Muito pelo contrário, para Nietzsche, a língua assume uma função meramente sugestiva, enquanto as palavras entre as pessoas somente servem como “pontes ilusórias entre o eternamente separado”²⁵ (NIETZSCHE, 1884/1994, p. 3, 307 §2) por apenas simularem o acesso à alma do outro. O uso da língua, de fato, não é nada mais do que uma convenção entrincheirada, camuflando o fato de que o homem não está entendendo a essência das coisas, e ao invés disto, está criando um segundo mundo ao lado do primeiro. Neste processo do encobrimento, a metáfora assume uma função como princípio básico e “impulso fundamental do homem”²⁶ (NIETZSCHE, 1873/1999, p. 887):

[...] acreditamos saber algo das coisas em si mesmas, quando falamos de árvores, de cores, de neve e de flores e, entretanto, não possuímos nada mais

²⁴ O nominalismo opõe-se à posição realista, a qual parte da pressuposição de que categorias universais como ‘seres’ ou ‘números’ possuem uma existência ontológica, enquanto a posição nominalista assume que essas categorias são construções conceituais. No nominalismo radical, os conceitos universais são reduzidos a meras palavras (*flatus vocis*).

²⁵ “Schein-Brücken zwischen Ewig-Geschiedenem”

²⁶ “Fundamentaltrieb des Menschen”

que metáforas das coisas, que de nenhum modo correspondem às entidades originais.²⁷ (NIETZSCHE, 1873/1999, p. 879)

Todas as noções são resultado da nossa perspectiva específica sobre as coisas, conduzida por metáforas intuitivas que têm sua origem nas transformações de estímulos nervosos em percepções sensoriais. Sendo assim, a imagem mapeada via estímulo nervoso forma a primeira metáfora e serve como base para a segunda, que nasce na transformação da imagem em som (NIETZSCHE, 1873/1999, p. 879). Com isso, Nietzsche também parte de uma interligação imediata entre corpo e metáfora antes do surgimento da língua, o que corresponde à hipótese da corporificação segundo Lakoff e Johnson.

Em sintonia com Vico, Nietzsche entende a metafísica e os conceitos humanos como continuidade da mitologia, com sua crença em fantasmas e deuses, embora ele avalie este fato como ilusório e veja tal prática como o mecanismo psicológico de explicar o desconhecido pelo conhecido motivado por um impulso de alívio (UNGEHEUER, 1983, p. 142, 181): “Junto com o desconhecido, dá-se o perigo, a inquietação, a preocupação – o primeiro instinto vai na direção de *afastar de si* esses estados incômodos”²⁸ (NIETZSCHE, 1889/1994, p. 316, §5). Pode-se concluir que Nietzsche já apresenta as hipóteses da ubiquidade, da unidirecionalidade e da necessidade, embora as tenha interpretado negativamente. Sem dúvida, Nietzsche deu um impulso importante para seus sucessores Mauthner e Vaihinger. Todavia, sua própria exposição continua aforística em parte, uma vez que, por um lado, Nietzsche não sintetiza suas ideias em uma construção teórica (UNGEHEUER, 1983b, p. 172), e, por outro lado, Nietzsche mostra uma preferência por enclausurar as próprias considerações em metáforas (OLIVEIRA, 2004, p. 62).

No início do século XX, o outsider acadêmico Fritz Mauthner se dedica a uma análise histórico-semasiológica da mudança do significado, entendendo a metáfora como fonte de qualquer desenvolvimento da língua. Similar à armadilha de Nietzsche, o próprio Mauthner usa uma metáfora para descrever a língua em analogia ao crescimento constante de um organismo (MAUTHNER, 1912/1982, p. 451): segundo Mauthner, no decorrer do desenvolvimento da língua, as palavras perdem seu sentido por desbotarem, “perdendo suas definições nítidas e,

²⁷ “Wir glauben etwas von den Dingen selbst zu wissen, wenn wir von Bäumen, Farben, Schnee und Blumen reden, und besitzen doch nichts als Metaphern der Dinge, die den ursprünglichen Wesenheiten ganz und gar nicht entsprechen.”

²⁸ “Mit dem Unbekannten ist die Gefahr, die Unruhe, die Sorge gegeben, – der erste Instinkt geht dahin, diese peinlichen Zustände wegzuschaffen”

com isso, seu valor antigo”²⁹ (MAUTHNER, 1912/1982, p. 490). Ele frisa a banalização de significados como *enorme (riesig)*, *colossal (kolossal)* e *horrível (schrecklich)*, uma vez que tais palavras, especialmente como advérbios, são usadas em cada conversa tornando-se cada vez mais arbitrárias. Primeiro, tais expressões são usadas para exagerar. Não obstante, após um tempo, este princípio da ‘metáfora hiperbólica’ forma a base central para a mudança do significado. Sendo assim, de acordo com a terminologia da TMC, pode-se comparar os exemplos que Mauthner, na sua visão pessimista, dá no nível linguístico para ilustrar a ampliação do significado de adjetivos como *enorme*, com os exemplos que Lakoff e Johnson (1980/2003: 50) dão para ilustrar a metáfora conceptual SIGNIFICANT IS BIG, tais como “I was astounded at the *enormity* of the crime” ou “He’s a *big* man in the garment industry.”

Também Mauthner (1912/1982, p. 479) parte do fundamento sensorial-físico da metáfora, nomeando nosso assim chamado conhecimento do mundo como um conhecimento ‘antropomórfico’, um ponto de partida semelhante ao realismo corporificado de Lakoff e Johnson. Contudo, ao passo que Lakoff e Johnson chegam à sua posição do *embodied realism* através de uma superação da polarização entre subjetivismo e objetivismo, a posição de Mauthner é impregnada por um ceticismo, até por um solipsismo profundo.³⁰ A língua tem uma força alucinatória por sugerir ideias coesivas ao homem, assumindo um papel de um poder social (MAUTHNER, 1906/1982, p. 43). Já nossos sentidos são aleatórios, e a arte das palavras somente os une em uma imagem que não representa a realidade, evocando apenas “imagens de imagens de imagens”³¹ (MAUTHNER, 1906/1982, p. 114). Destarte, abstrações não são nada mais do que um esvaziamento contínuo de imagens preexistentes, de modo que a mudança do significado se inicia a partir da inconscientização da metáfora, bloqueando assim nosso acesso ao mundo externo para todos os tempos.

Dissolvendo a noção da verdade sob o ângulo nominalista e sensualista, na sua obra de três volumes *Beiträge zu einer Kritik der Sprache (Contribuições para uma Crítica da Linguagem)*, Mauthner segue o caminho da crítica da razão kantiana, na qual, conforme Mauthner, faltaria uma metacrítica da razão revestida de uma crítica radical da linguagem (MAUTHNER, 1912/1982, p. 479). Uma vez que a língua nunca consegue superar as fronteiras

²⁹ “ihre scharfen Definitionen verlieren und damit ihren alten Wert”

³⁰ Solipsismo refere-se a uma posição filosófica radical do ceticismo, segundo a qual apenas pode-se confirmar a existência dos estados interiores do próprio eu enquanto não é possível estabelecer uma relação com um mundo objetivo além do sujeito. O mundo criado se dá como resultado da mente pensante.

³¹ “immer nur Bilder von Bildern von Bildern”

da língua, as ciências falham inevitavelmente na sua metafóricidade, como Mauthner mostra a partir do sistema da religião, da filosofia e da psicologia, entre outros (MAUTHNER, 1906/1982, p. 243-353). Assim, a psicologia, por exemplo, transfere as categorias da língua já estabelecidas para a descrição do mundo externo ao mundo interno, querendo resolver enigmas por rotulá-los com nomes de uma língua tanto materialista como *subconsciente* (*Unterbewusstsein*).

Ora, em correspondência com as hipóteses da ubiquidade, do domínio e do modelo, para Mauthner, a metáfora não se limita à língua por provir do desejo humano pela ‘comparação psicológica’ (*psychologische Vergleichung*; MAUTHNER, 1912/1982, p. 462), que pode ser regressada historicamente até os processos elementares da apercepção, de modo que pensamento e língua são integralmente metafóricos. Como exemplos, Mauthner cita a estruturação do tempo por expressões como *longo* e *curto* e a descrição da altura tônica por meio de palavras espaciais e de cores, como *baixo* ou *claro* (MAUTHNER, 1912/1982, p. 451). Sobretudo, ele dirige sua atenção à personificação como ponto-chave para nossa conceitualização antropomórfica da realidade, defendendo “que a última matriz mais profunda do pensamento, o conceito da causalidade sem o qual a ciência e o conhecimento do mundo param, baseia-se no desejo da personificação”³² (MAUTHNER, 1912/1982, p. 461-462).

A hipótese da focalização é tematizada em virtude da discussão sobre a ‘forma interna da língua’ (*innere Sprachform*) de Humboldt, pois é aqui que Mauthner (1912/1982, p. 523) acrescenta à posição relativista de Humboldt o conjunto do uso da língua, da etimologia popular e da emoção:

Se nós dizemos ‘Schlange’ onde o romano dizia ‘serpens’, então, enquanto nós tomamos o nome da impressão sensorial do encaracolamento, os romanos tomam o da impressão sensorial do movimento arrastador, e ambos, o romano e o alemão, sentem ingenuamente ter nomeado o animal de forma certa. A forma interna da língua, segundo Humboldt, é o destaque de uma única característica de um objeto que, contudo, teria disponibilizado mais características à língua³³ (MAUTHNER, 1912/1982, p. 523).

³² “daß die tiefste und letzte Schablone des Denkens, der Begriff der Kausalität, ohne welchen die Wissenschaft und die Welterkenntnis aufhören, auf diesem Bedürfnis des Personifizierens beruht”

³³ “Wenn wir ‚Schlange‘ sagen, wo der Römer ‚serpens‘ sagte, wenn wir also den Namen von dem Sinneseindruck des Ringelns, die Römer ihn von dem Sinneseindruck der kriechenden Bewegung nehmen, so hat der Römer wie der Deutsche dabei das ganz naive Gefühl, das Tier richtig bezeichnet zu haben. Die innere Sprachform Humboldts ist die Hervorhebung eines einzigen Merkmals an einem Gegenstande, der doch der Sprache mehrere Merkmale zur Verfügung gestellt hätte.”

Por causa do alto interesse nas mudanças dos significados, Mauthner antecipa a hipótese da diacronia, já tocando em perguntas dos *radial networks* (LAKOFF, 1987). Analisa a etimologia e o significado original das palavras, por exemplo, do termo *asa*, que originalmente somente se referiu a pássaros, mas passa por uma extensão das dimensões do significado como ‘parte lateral de um moinho de vento’, ‘parte lateral do exército’, ‘parte lateral do castelo’, etc. (MAUTHNER, 1912/1982, p. 489).

Nesse ponto, ele também se debruça sobre o fenômeno da ‘mesclagem de imagens’ (*Bildvermischung, Bildermischmasch*; MAUTHNER, 1912/1982, p. 500-501), que ele chama, em analogia a um jogo de palavras da revista *Kladderadatsch*, ‘arre-burrinho’ (*Wippchen*; MAUTHNER, 1912/1982, p. 497-505). Como os termos *mixed metaphors* (LAKOFF; JOHNSON, 1980/2003, p. 95), *overlaps in the metaphors* (LAKOFF; JOHNSON 1980/2003, p. 97), *composite metaphors* (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 70), Mauthner refere-se à mescla de duas imagens de língua (1912/1982, p. 499), vendo tal fusão como mecanismo onipresente na linguagem dos jornais, da política e do poeta, na qual ela chama mais atenção só por sua originalidade e força inovadora. Mauthner (1912/1982, p. 502-507) também aponta que as imagens muitas vezes não combinam, o que nos faz lembrar dos *clashes*, que, na terminologia de Fauconnier e Turner (2002, p. 131-132), refletem um efeito frequente como resultado de *double-scope networks*.³⁴ Especialmente para análises no campo do discurso político, mas também no campo da comunicação intercultural in situ, Mauthner dá estímulos férteis para aprofundar pesquisas que buscam focalizar momentos em que a comunicação se engana ou falha por causa do uso de metáforas que podem ser interpretadas de forma tão distinta que não mais possibilitam, mas sim impedem a compreensão mútua.

Segundo Simon (2007), igual a Mauthner, o filósofo e fundador da Associação Kantiana Hans Vaihinger representa uma ‘abordagem de mutação’ (*Mutationsansatz*). Por um lado, influenciado pela psicologia fisiológica de Wundt e pela psicologia da língua segundo Steinthal e, por outro lado, recorrendo às ideias de Lambert e Kant no que diz respeito à capacidade epistemológica, Vaihinger (1911/1920) estabelece uma Filosofia do ‘Como Se’ (*Als-Ob*), segundo a qual qualquer reconhecimento representa mera ficção hipotética, cuja validade apenas se mostra na prática de vida. Com isso, Vaihinger introduz uma virada pragmática: o

³⁴ Fauconnier e Turner (2002:131-132) introduzem o conceito ‘rede do escopo duplo’ (*double-scope network*), no qual os dois inputs trazem seu *frame* próprio para a mesclagem. Com isso, esse tipo de rede opõe-se à ‘rede do escopo singular’ (*single-scope network*), que corresponde mais ao mapeamento unidirecional da visão tradicional de Lakoff e Johnson.

organismo sempre reage a estímulos externos de forma pragmática, não simplesmente recebe e absorve, mas constrói o mundo a partir das suas necessidades para poder se orientar nele (VAIHINGER, 1911/1920, p. 23). Por isso, como para Kant, o ‘em si’ não é deduzível e tem que ser manejado de forma ‘como se’.

É a partir de uma sistemática dos modos da ficção, aos quais pertencem a ficção ‘esquemática’ e ‘simbólica’, que Vaihinger chega à metáfora. O primeiro tipo é descrito como “ossatura de um complexo específico”³⁵ (VAIHINGER, 1911/1920, p. 36), que serve como base para as construções abstrato-subjetivas do homem. A metáfora é representada pela segunda categoria, a das ficções simbólicas, cujo mecanismo reside no pensamento como apercepção de uma intuição nova a partir de uma imagem, na qual há proporções analógicas (VAIHINGER, 1911/1920, p. 40).

Portanto, Vaihinger já realça a ubiquidade e a necessidade da metáfora e defende uma visão corporificada, na qual a metáfora assume o papel de uma “cascata de transformações”³⁶ (SIMON, 2007, p. 2). Ele está consciente do efeito da focalização como se exprime na hipótese (9), quando afirma que a metáfora somente corta segmentos de um campo de significado os colocando em outro campo de significado, de modo que esse mapeamento automaticamente resulta em mudanças do significado. Por conseguinte, Vaihinger faz uma diferença entre metáforas ‘origopresentes’, isto é, o interlocutor ainda está consciente da origem, ou ‘obliterat’. Neste caso, o falante ou ouvinte teria que se tornar consciente da metáfora em um ato de reflexão. Aqui, novamente, encontra-se uma consciência da necessidade de diferenciar as duas perspectivas, a do uso, comunicativa, e a da observação, extra comunicativa, diferenciação metodológica fundamental que muitas vezes não é levada em consideração em estudos empíricos atuais.

Com relação a pares metafóricos que se mostram paralelos aos esquemas imagéticos da TMC (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987), Vaihinger distingue entre unidade – pluralidade (= TODO – PARTE), causa – efeito (= FORÇA), dentro – fora (= CONTÊINER), estado – movimento (= MOVIMENTO), começo – final (= CAMINHO) (VAIHINGER, 1911/1920, p. 315). Ademais, ele aponta para domínios conceituais mais complexos como a cadeia NASCIMENTO – FLORESCIMENTO – MATUREZA – DECLÍNIO (= domínio fonte FLORA), ou as metáforas SOCIEDADE como ORGANISMO, MUNDO como ORGANISMO ou MUNDO como OBRA DE ARTE

³⁵ “Knochengestelle eines bestimmten Komplexes”

³⁶ “Kaskade von Umwandlungen”

(VAIHINGER, 1911/1920, p. 44-45). Como categoria separada, ele tematiza as ‘ficções personificadas’ (VAIHINGER, 1911/1920, p. 50-53).

5. Considerações finais

Procurou-se investigar, com base nas hipóteses formuladas por Jäkel, até que ponto os elementos-chave da TMC já foram antecipados em abordagens filosóficas. Aqui, vem um resumo dos achados, com relação aos nove filósofos apresentados com mais profundidade:

Quadro 1 – Precusores Filosóficos da Teoria Cognitiva da Metáfora dos séculos XVII a XIX.³⁷

PRESURSOR	1. UBI	2. DOM	3. MOD	4. DIA	5. UNI	6. INV	7. NEC	8. CRI	9. FOC
Clauberg (1663)	X	[X]		[X]	X		X	[X]	
Vico (1744)	X		X	[X]	X		X	X	
Leibniz (1764)	[X]			X	[X]		X	X	
Lambert (1764)	X	X	[X]	[X]	X	[X]	X	X	X
Kant (1781/1790)	X	[X]	X		X	[X]	X	X	[X]
Gerber (1871/1884)	X	X		X		[X]	X	X	X
Biese (1893)	X	X		X		[X]	X	X	X
Nietzsche (1873)	X		[X]	[X]	X		X	[X]	[X]
Mauthner (1906/1912)	X	[X]		X	X		X	[X]	X
Vaihinger (1911)	X	[X]		[X]	X		X		X

Fonte: elaborado pela autora.

1. UBI = Ubiquidade, 2. DOM = Domínio, 3. MOD = Modelo, 4. DIA = Diacronia, 5. UNI = Unidirecionalidade, 6. INV = Invariantes, 7. NEC = Necessidade, 8. CRI = Criatividade, 9. FOC = Focalização

O panorama ilustra com precisão que pesquisas sobre a metáfora cognitiva já existem, pelo menos, desde o século dezessete. Adicionalmente, muitas reflexões vão além da primeira geração da TMC como proposta por Lakoff e Johnson por integrarem aspectos negligenciados na abordagem deles, mas retomados na segunda geração, que está integrando a metáfora cognitiva no discurso e nos seus contextos de uso, na sua variação cultural e na sua

³⁷ A colocação em colchetes refere-se ao fato de que o aspecto em questão está presente apenas de modo implícito ou que foi antecipado parcialmente.

multimodalidade. Assim, lançar uma ponte entre tais questões atuais e as abordagens esquecidas do passado seria um trabalho elucidativo e fértil.

Resumindo, além dos pontos em comum com a teoria de Lakoff e Johnson, observou-se uma antecipação da abordagem psicológico-desenvolvimentista do conceito *conflation* nas obras de Clauberg e Lambert, a tematização de *mixed metaphors*, que ganham nova atenção em abordagens recentes e que Mauthner chamou ‘arreburrinho’, a antecipação da teoria da mesclagem por Gerber e Biese, e a preocupação com redes polissêmicas, que, no caso de Lambert e Mauthner, até resultam em perguntas críticas que atualmente estão de volta nos estudos empíricos sobre discursos políticos e midiáticos, na interface entre a abordagem cognitiva e discursiva da metáfora. Especialmente neste campo, algumas considerações desses dois autores me parecem muito válidas, se pensarmos no esvaziamento e escurecimento contínuo das palavras nos discursos dos meios de comunicação em massa. Adicionalmente, algumas das teorias apresentadas já comprovam uma consciência plena da necessidade de um olhar duplo sobre a metáfora, integrando suas características cognitivas e funcionais, como mostram os trabalhos de Lambert, Gerber e Vaihinger. Tais considerações trazem *insights* decisivos para a metodologia aplicada em estudos sobre a metáfora e até hoje. Muitas vezes, o pesquisador não explicita se ele conduz sua análise a partir de uma perspectiva extra comunicativa, categorizando as metáforas encontradas no seu corpus a partir de rótulos pré-dados ou, pelo contrário, se ele busca descobrir a perspectiva comunicativa, ou seja, participativa, dos indivíduos envolvidos em processos comunicativos *in situ*.

Por fim, nos resta a pergunta de natureza especulativa porquê Lakoff e Johnson e seus seguidores aparentemente têm tão pouco conhecimento no tocante à longa tradição das ideias voltadas para a metáfora cognitiva. A seguir, listaremos uns possíveis aspectos decisivos para esta omissão: (1) nos Estados Unidos, a tradição acadêmica sempre era e ainda é mais voltada para a empiria do que para a historiografia, a qual é mais característica das abordagens europeias. Sendo assim, não nos surpreende que a maioria dos estudos que vão em direção a uma redescoberta dos precursores da TMC provém da Europa; (2) especialmente no que tange aos filósofos de origem alemã, há uma situação específica que Eschbach (2011, p. liii) denomina como ‘abismo cultural’ (*cultural gap*) ao se referir à histórica pré- e pós-nazista, uma vez que a expulsão de boa parte dos cientistas alemães e destruição das pesquisas que vinham sendo desenvolvidas durante o regime nazista resultou na ruptura da comunidade científica no nível linguístico e acadêmico. Prova disso foi a perda abrupta do alemão como língua

acadêmica internacional em favor do inglês, o que também teve como consequência uma orientação maior às pesquisas desenvolvidas em terras anglo-americanas. Como consequência, as abordagens desenvolvidas antes da chegada do regime nazista muitas vezes não foram retomadas, ficando esquecidas por muito tempo (cf. também Simon 2007); (3) neste contexto, Schmitz (1985) aponta também os paradigmas que surgiram logo depois da Segunda Guerra Mundial, a saber, o estruturalismo e, mais tarde, o gerativismo, os quais dominaram os discursos acadêmicos por muito tempo, impedindo, dessa forma, o interesse em um ressurgimento ou em uma redescoberta de correntes opostas como se reflete no romantismo ou na crítica da linguagem; (4) finalmente, como comprovam as argumentações de Mouton (2010), bem como de Chaminzo Dominguez e Nerlich (2010), e como também se revela em Lakoff e Johnson (1999), quando os autores de fato citam um dos filósofos apontados em nosso artigo, p. ex. Locke ou Kant, eles o fazem de forma superficial, concentrando-se nas metáforas que esses filósofos apresentam como exemplo, e não naquilo que eles escreveram *sobre* a metáfora.³⁸ Ora, vê-se um conjunto de motivos que culminaram neste retorno tardio à longa tradição de estudos na metáfora cognitiva.

Nossa retrospectiva não teve como objetivo diminuir os lucros dos trabalhos atuais no campo da metáfora cognitiva, que, já pelas possibilidades científicas de hoje, são mais precisos, mais detalhados e amparados experimental e empiricamente. O intuito foi, muito pelo contrário, o de contribuir com uma abordagem historiográfica para esses valiosos estudos recentes, os quais também já se enveredam por este caminho da redescoberta das inúmeras antecipações das ricas abordagens com relação a questões em pauta nas agendas atuais, tal como demonstramos com relação à interface entre pragmática e semântica.

Referências Bibliográficas

ARISTOTELES. **Rhetorik**. München: Fink, 1995.

BÜHLER, K. Das Ganze der Sprachtheorie, ihr Aufbau und ihre Teile. In: KAFKA, G. **Bericht über den XII. Kongreß der Deutschen Gesellschaft für Psychologie in Hamburg vom 12.-16. April 1913**. Jena: Gustav Fischer, 1932, p. 95-122.

³⁸ Jäkel (2013: 115) também destaca a falta de atenção de Lakoff e Johnson com respeito também a precursores que eles conheciam como, por exemplo, Benjamin Lee Whorf, a quem eles recorrem no prefácio de *Metaphors We Live By* (1980/2003) com relação ao papel da língua na construção da visão do mundo de grupos culturais distintos; não obstante, eles não falam das contribuições profundas que Whorf fez para a análise da função cognitiva da metáfora.

_____. **Sprachtheorie: die Darstellungsfunktion der Sprache.** Stuttgart: Fischer, 1934/1982.

CAMERON, L. Confrontation or complementarity? Metaphor in language use and cognitive metaphor theory. **Annual Review of Cognitive Linguistics**, La Rioja, n. 5, p. 107-135. 2007.

CASSIRER, E. **Philosophie der symbolischen Formen.** Bd. 1: Die Sprache. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1923/1973.

CHAMIZO DOMINGUEZ, P. J.; NERLICH, B. Metaphor and truth in Rationalism and Romanticism. In: BURKHARDT, A.; NERLICH, B. **Tropical Truth(s).** The Epistemology of Metaphor and other Tropes. Berlin, New York: De Gruyter, 2010, p. 51-72. <https://doi.org/10.1515/9783110230215.51>

CLAUBERG, J. **Logica vetus et nova, modum inveniendae ac tradendae veritatis in Genesi simul & analysi, facili methodo exhibens.** Amstelaedami: Ex officina Elzeviriana, 1658/1685.

_____. **Ars etymologica teutonum e philosophiae fontibus derivata, id est, Via Germanicarum vocum & origins & praestantiam detegendi, cum plurimum harum Vernunft/Suchen/Ausspruch exemplis, atque exinde enatis regulis praemonstrata.** Duisburgi ad Rhenum: D. Asendorp, 1663/1717.

DEBATIN, B. **Die Rationalität der Metapher.** Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1995. <https://doi.org/10.1515/9783110813951>

DU MARSAIS, C. C. **Des tropes, ou des différents sens dans lesquels on peut prendre un même mot dans une même langue.** Paris: Chez David, 1730/1757.

ESCHBACH, A. Editor's Introduction. In: BÜHLER, Karl. **Theory of Language. The representational function of language.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011, p. xli-lxxix. <https://doi.org/10.1075/z.164.02esc>

FAUCONNIER, G. **Mappings in Thought and Language.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The Way We Think.** New York: Basic Books, 2002.

GERBER, G. **Die Sprache als Kunst.** Bromberg: Mithrasche Buchhandlung, 1871.

_____. **Die Sprache und das Erkennen.** Berlin: Gaertner, 1884.

GIBBS, R. W. Jr. Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world. In: GIBBS, R. W. Jr.; STEEN, G. J. **Metaphor in Cognitive Linguistics.** Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999, p. 145-166. <https://doi.org/10.1075/cilt.175.09gib>

GRADY, J.; JOHNSON, C. Converging evidence for the notions of subscene and primary scene. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. **Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast.** Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2002, p. 533-554. <https://doi.org/10.1515/9783110219197.533>

HAMANN, J. G. **Sokratische Denkwürdigkeiten. Aesthetica in nuce.** Ditzingen: Reclam, 1762/1993.

HEIDEGGER, M. **Sein und Zeit.** Tübingen: Niemeyer, 1927/1957.

HERDER, J. G. **Abhandlung über den Ursprung der Sprache.** Stuttgart: Reclam, 1772/2002.

HÜLZER-VOGT, H. **Die Metapher.** Kommunikationssemantische Überlegungen zu einer rhetorischen Kategorie. Münster: Nodus Publikationen, 1987.

HUSSERL, E. **Logische Untersuchungen.** Bd. 2, Zweiter Teil: Elemente einer phänomenologischen Aufklärung der Erkenntnis. Halle: Max Niemeyer, 1901/1921.

JÄKEL, O. **Wie Metaphern Wissen schaffen:** die kognitive Metapherntheorie und ihre Anwendung in Modell-Analysen der Diskursbereiche Geistestätigkeit, Wirtschaft, Wissenschaft und Religion. Hamburg: Kovač, 2003.

JOHNSON, C. Metaphor vs. conflation in the acquisition of polysemy: the case of SEE. In: HIRAGA, M. K.; SINHA, C.; WILCOX, S. **Cultural, typological and psychological issues in cognitive linguistics.** Amsterdam: John Benjamins, 1999, p. 155-169. <https://doi.org/10.1075/cilt.152.12joh>

JOHNSON, M. Introduction: Metaphor in the philosophical tradition. In: JOHNSON, M. **Philosophical Perspectives on Metaphor.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1981, p. 3-47. <https://doi.org/10.1520/stp27649s>

_____. **The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason.** Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KANT, I. **Kritik der reinen Vernunft.** Hamburg: Felix Meiner, 1781/1986.

_____. **Kritik der Urteilskraft.** Hamburg: Felix Meiner, 1790/1990.

KNOBLOCH, C. **Geschichte der psychologischen Sprachauffassung in Deutschland von 1850 bis 1920.** Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1988. <https://doi.org/10.1515/9783111371689>

KOLB, K. Über zwei Aspekte allen Erlebens und Erkennens. Eine historiographische Skizze eines fächerübergreifenden Problemfelds. **Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft,** Münster, n. 20(1), p. 65-78. 2010.

LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind.** Chicago: University of Chicago Press, 1987. <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226471013.001.0001>

_____. The Invariance Hypothesis: Is Abstract Reason Based on Image-Schemas? **Cognitive Linguistics,** Edmonton, n. 1(1), p. 39-74. 1990.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980/2003.

_____. **Philosophy in the Flesh**. The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; TURNER, M. **More than Cool Reason**. A Field Guide to Poetic Metaphor. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1989. <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226470986.001.0001>

LAMBERT, J. H. **Philosophische Schriften I**. Neues Organon oder Gedanken über die Erforschung und Bezeichnung des Wahren und dessen Unterscheidung vom Irrthum und Schein. Hildesheim: Georg Olms, 1764a/1965.

_____. **Philosophische Schriften II**. Neues Organon oder Gedanken über die Erforschung und Bezeichnung des Wahren und dessen Unterscheidung vom Irrthum und Schein. Hildesheim: Georg Olms, 1764b/1965.

LEIBNIZ, G. W. **Nouveaux essais sur l'entendement humain**: textes choisis. Neue Abhandlungen über den menschlichen Verstand. Paris: Garnier-Flammarion; Frankfurt am Main: Insel-Verlag, 1764/1961.

LOCKE, J. **An Essay Concerning Humane Understanding**. London: Dent; New York: Dutton, 1690/1961.

MAUTHNER, F. **Beiträge zu einer Kritik der Sprache**. Erster Band: Zur Sprache und zur Psychologie. Frankfurt am Main, Berlin, Wien: Ullstein, 1906/1982.

_____. **Beiträge zu einer Kritik der Sprache**. Zweiter Band: Zur Sprachwissenschaft. Frankfurt am Main, Berlin, Wien: Ullstein, 1912/1982.

MOURA, H.; MARQUES, T. F. A linguagem como produto da história: as teorias de Vico e Rousseau. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, n. 12(2), p. 1-14. 2011.

MOUTON, N. T. O. Metaphor, empiricism and truth: A fresh look at seventeenth-century theories of figurative language. In: BURKHARDT, A.; NERLICH, B. **Tropical Truth(s). The Epistemology of Metaphor and other Tropes**. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2010, p. 23-49. <https://doi.org/10.1515/9783110230215.21>

MÜLLER, C. Gestures as a medium of expression: The linguistic potential of gestures. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E. et al. **Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction**. Volume 1. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2013, p. 202-217. <https://doi.org/10.1515/9783110261318.202>

NERLICH, B.; CLARKE, D. D. Mind, meaning and metaphor: the philosophy and psychology of metaphor in 19th-century Germany. **History of the Human Sciences**, Durham, 14(2), p. 39-62. 2001. <https://doi.org/10.1177/09526950122120952>

NIETZSCHE, F. Über Wahrheit und Lüge im außermoralischen Sinn. In: NIETZSCHE, F. **Die Geburt der Tragödie: Unzeitgemäße Betrachtungen I-IV**. Nachgelassene Schriften 1870-1873. Kritische Studienausgabe. München: Deutscher Taschenbuchverlag de Gruyter, 1873/1999, p. 875-890.

_____. Also sprach Zarathustra. Ein Buch für Alle und Keinen. In: NIETZSCHE, F. **Also sprach Zarathustra und andere Schriften**. Werke 2. Köln: Könnemann Verlagsgesellschaft, 1884/1994, p. 93-420.

_____. Götzen-Dämmerung oder Wie man mit dem Hammer philosophiert. In: NIETZSCHE, F. **Jenseits von Gut und Böse und andere Schriften**. Werke 3. Köln: Könnemann Verlagsgesellschaft, 1889/1994, p. 279-384.

OLIVEIRA, I. V. **Arché e telos**. Nihilismo filosófico e crise da linguagem em Fr. Nietzsche e M. Heidegger. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2004.

PASCAL, B. Pensées. In: CHEVALIER, J. **Œuvres Complètes**. Paris: Gallimard, 1660/1976.

ROLF, E. **Metapherntheorien**. Typologie, Darstellung, Bibliographie. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2005. <https://doi.org/10.1515/9783110896459>

ROUSSEAU, J.-J. Essai sur l'origine des langues. In: ROUSSEAU, J.-J. **Œuvres complètes V: Écrits sur la musique, la langue et le théâtre**. Ed. por Bernard Gagnebin e Marcel Raymond. Paris: Gallimard, 1781/1995.

SCHMID, H.-J. **Cognitive Pragmatics**. Handbook of Pragmatics 4. Berlin, New York: De Gruyter, 2012. <https://doi.org/10.1515/9783110214215>

SCHMITZ, H. W. Die durchgängige Tropisierung der Sprache. Über einen Aspekt von 'Zeichen im Wandel'. In: DUTZ, K. D.; SCHMITTER, P. **Historiographia Semioticae**. Studien zur Rekonstruktion der Theorie und Geschichte der Semiotik. Münster: MAK S Publikationen, 1985, p. 241-270.

SCHRÖDER, U. A Mesclagem Metafórica de Fauconnier & Turner e nas teorias de Karl Bühler e Wilhelm Stählin: antecipações e complementos. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, n. 9, p. 129-154. 2010.

SCHRÖDER, U. **Kommunikationstheoretische Fragestellungen in der kognitiven Metaphernforschung**. Eine Betrachtung von ihren Anfängen bis zur Gegenwart. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2012.

SCHRÖDER, U. A abordagem cognitiva da metáfora em perspectiva pragmática nos séculos dezoito e dezenove: as contribuições de Lambert e Wegener a discussões atuais. **ALFA: Revista de Linguística**, Araraquara, n. 58 (1), p. 115-136. 2014.

SIMON, G. Der Mutationsansatz in der Metaphernforschung. **metaphorik.de**, Aufsatzsammlung, p. 1-25. 2007. Disponível em <http://www.metaphorik.de/aufsaeetze/simon.pdf>. Acesso em 10 fevereiro 2016.

SWEETSER, E. **From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
<https://doi.org/10.1017/CBO9780511620904>

TENDHAL, M.; GIBBS, R. W. JR. Complementary Perspective on Metaphor: Cognitive Linguistics and Relevance Theory. **Journal of Pragmatics**, Saarbrücken, Queensland, n. 40, p. 1823-1864. 2008.

UNGEHEUER, G. Kommunikative und extrakommunikative Betrachtungsweisen in der Phonetik. In: UNGEHEUER, G. **Sprache und Kommunikation**. Münster: Nodus Publikationen, 1972b/2004, p. 22-34.

_____. Über das 'Hypothetische in der Sprache' bei Lambert. In: BÜLOW, E.; SCHMITTER, P. **Integrale Linguistik**. Festschrift für Helmut Gipper. Amsterdam: John Benjamins, 1979, p. 69-98. <https://doi.org/10.1075/z.12.06ung>

_____. Lamberts semantische Tektonik des Wortschatzes als universales Prinzip. In: BRETTSCHEIDER, G.; LEHMANN, C. **Wege der Universalienforschung**. Sprachwissenschaftliche Beiträge zum 60. Geburtstag von Hansjakob Seiler. Tübingen: Gunter Narr, 1980, p. 87-93.

_____. Nietzsche über Sprache und Sprechen, über Wahrheit und Traum. In: BEHLER, E.; MONTINARI, M.; MÜLLER-LAUTER, W.; WENZEL, H. **Nietzsche Studien**. Internationales Jahrbuch für die Nietzsche-Forschung. Band 12. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1983, p. 134-213.

VAIHINGER, H. **Die Philosophie des Als Ob**. System der theoretischen, praktischen und religiösen Fiktionen der Menschheit auf Grund eines idealistischen Positivismus. Mit einem Anhang über Kant und Nietzsche. Leipzig: Meiner, 1911/1920.

VEREZA, S. C. O locus da metáfora – linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 199-212. 2010.

VICO, G. **Scrittori D'Italia**. Opere IV-I. Princípi di Scienza Nuova di Giambattista Vico, 1744/1928.

VISCHER, F. T. **Aesthetik oder Wissenschaft des Schönen**. Stuttgart: Verlagsedition von Carl Macken, 1857.

ZIR, A. A tese da primazia da metáfora, defesa e problematização: um estudo a partir de Vico. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, 9(1), p. 107-130. 2009.

Artigo recebido em: 22.11.2015

Artigo aprovado em: 19.04.2016